



Dailze Luzia da Cruz  
Fátima Eliana Mazina Cristaldo  
Fernanda Viana Pinheiro  
Maria Geane Venância de Matos Melo  
Rosângela Kovalski da Cruz Lima  
Silviane Márcia Curado

# A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL ATRAVÉS DOS CONTOS DE FADAS

ISBN- 978-65-84809-26-0

1.<sup>a</sup> Edição

2022

São Paulo




1ª Edição

Dailze Luzia da Cruz  
Fátima Eliana Mazina Cristaldo  
Fernanda Viana Pinheiro  
Maria Geane Venância de Matos Melo  
Rosângela Kovalski da Cruz Lima  
Silviane Márcia Curado


A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL ATRAVÉS DOS CONTOS  
DE FADAS

ISBN 978-65-84809-26-0

2022

 <http://periodicorease.pro.br/>

 [contato@periodicorease.pro.br](mailto:contato@periodicorease.pro.br)

 +55(11) 94920-0020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

L533 A leitura na educação infantil através dos contos de fadas [livro eletrônico] / Dailze Luzia da Cruz... [et al.]. – São Paulo, SP: [s. n.], 2022.  
60 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-84809-26-0

1. Contos de fadas. 2. Educação infantil. 3. Crianças – Livros e leitura. I. Cruz, Dailze Luzia da. II. Cristaldo, Fátima Eliana Mazina. III. Pinheiro, Fernanda Viana. IV. Melo, Maria Geane Venância de Matos. V. Lima, Rosangela Kovalski da Cruz. VI. Curado, Silviane Márcia.

CDD 370

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

1ª Edição - Copyright© 2022 dos autores.

Direito de Edição reservado à Revista REASE.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) respectivo(s) autor(es).

As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referencial bibliográfico são prerrogativas de cada autor(es).

---

*Editora-Chefe* Dra. Patrícia S. Ribeiro

*Revisão* Os autores

*Projeto Gráfico* Ana Cláudia Néri Bastos/ Talita Tainá Pereira Batista

*Conselho Editorial* Alfredo Oliveira Neto, UERJ, RJ

José Fajardo, Fundação Getúlio Vargas

Jussara C. dos Santos, Universidade do Minho

María Valeria Albardonado, Universidad Nacional del Comahue, Argentina

Uaiana Prates, Universidade de Lisboa, Portugal

José Benedito R. da Silva, UFSCar, SP

Pablo Guadarrama González, Universidad Central de Las Villas, Cuba

Maritza Montero, Universidad Central de Venezuela, Venezuela

ISBN: 978-65-84809-26-0

**CRJ**



9 786584 809260

## APRESENTAÇÃO

O objetivo principal deste livro é analisar a importância dos contos de fadas para o processo de leitura das crianças na educação infantil, visto que através da leitura é possível ampliar conhecimentos, acesso a informações, tornando-as participantes ativos de prática relacionada à linguagem, amplia a visão de mundo etc. Diante do acima exposto, este livro fornece subsídios para incentivar a prática da leitura de contos de fadas.

O mesmo pode ser alcançado a partir de pressupostos teóricos sobre a leitura por meio de concepções interativas de linguagem e literatura infantil, com base em autores como: Bettelheim (1985), Ambramovich (2001), Coelho (2001), Busatto (2008), Ceciliato (2007), entre outros.

As autoras.

## SUMÁRIO

CAPÍTULO .....	12
CAPÍTULO .....	28
CAPÍTULO .....	37



## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.....	12
Figura 2.....	28
Figura 3.....	37

## INTRODUÇÃO

Este livro pretende-se refletir sobre os contos de fadas como instrumento para a formação de futuros leitores, é uma atividade realizada pelo sujeito e capaz de propiciar além de conhecimento, o prazer.

Na Educação Infantil as crianças descobrem um novo mundo, os contos de fada atuam no processo de desenvolvimento fazendo com que elas possam ter o primeiro contato com as letras e literatura em geral.

É de suma importância o trabalho com esta temática, uma vez que a leitura é indispensável na vida dos cidadãos, num mundo de códigos, que precisam ser compreendidos para que possamos nos comunicar, ir e vir, ter acesso ao mundo eletrônico e às informações.

A leitura dos contos de fadas, estimula a imaginação da criança, ajuda a tornar clara suas emoções, reconhece as suas dificuldades, relaciona-se com os aspectos de sua personalidade ensinando-a a enfrentar as condições que lhes são próprias, auxiliar no desenvolvimento do seu intelecto, e, incentivar, para que no futuro, sejam adultos capazes de desfrutar da compreensão do que lê.

Os contos de fadas são instrumentos para trabalhar essas situações com as crianças, como afirma Bettelheim (1985), estes podem proporcionar a aprendizagem dentro de uma compreensão infantil, mais do que qualquer outro tipo de história.

O principal objetivo deste livro consiste em analisar-se a importância da leitura dos contos de fadas no contexto da educação infantil para a formação de futuros leitores. Este objetivo dividiu-se em outros mais específicos: a

identificação dos contos de fadas como recurso pedagógico e de modo a incentivar o prazer pela leitura.

# CAPÍTULO 1

## LEITURA

A leitura faz parte do nosso cotidiano, através da qual adquirimos conhecimentos e adquirimos uma melhor compreensão da realidade para a qual somos inseridos. Atualmente, podemos ver que a leitura está assumindo um papel importante e decisivo no mercado de trabalho. Indivíduos menos instruídos e menos ágeis no ato de ler têm poucas chances de conseguir um emprego qualificado e com alto salário, pois isso exige um nível mais alto de escolaridade.

**Figura 1:** Leitura de professor para crianças no jardim de infância



**Fonte:** <https://www.istockphoto.com/br>

É necessário reconhecer que a leitura é uma condição indispensável para o desenvolvimento socioeconómico e cultural e para o auto-aperfeiçoamento. Não adianta aumentar a produção de livros se o indivíduo não quer ler; não sei o benefício desta ação.

A educação do ser humano, seja ela formal ou informal (sistemática ou assistemática), sempre envolve dois fatores fundamentais: formação e informação. Mais especificamente, o processo educativo exige que às novas gerações sejam transmitidos conhecimentos, sejam trabalhados determinados valores e costumes de modo que ocorra a sobrevivência e a convivência social e de modo que não pereça a linha evolutiva da cultura (SILVA, 1986, p. 35).

Para Silva (1986) a leitura pode formar e informar, uma vez que, o texto escrito, além de informar, alcança os objetivos de formação, apresenta ao leitor atitudes, crenças e valores, socialmente construídos. Portanto, e a partir do momento que o indivíduo tem acesso a um mundo repleto de informações, ao usufruir dessas idéias ele se forma criticamente.

Villardi (1997) diz que a leitura promove o exercício da própria cidadania, uma vez que o indivíduo constrói, através do ato de ler, uma concepção de mundo, tornando-se capaz de compreender o que lhe chega através dela, analisando o conteúdo e posicionando-se criticamente diante das informações apresentadas.

A leitura é vista como um ato contra a alienação, que pode dar a indivíduos e grupos sociais uma sensação de liberdade em diferentes aspectos, ou seja, pessoas com pleno acesso a informações e ideias.

De acordo com Silva (1983), no Brasil há certa carência em relação ao estímulo sociocultural para a leitura. Em se tratando da escola, é esperado que ela cumpra este papel, pois ela é um organismo de máxima importância para a formação do leitor.

O sistema educacional brasileiro contém muitas falhas, apresentando-se como um país que ainda não consegue assegurar a qualidade da educação para todos. Dentre essas falhas, encontra-se a falta de estímulo à leitura, um dos aspectos importantes, que deveria estar inserido a partir de um olhar diferente no contexto escolar.

Silva (1983) defende que na sociedade brasileira com tanta injustiça, desigualdade, miséria, fome, falta de liberdade e democracia, as pessoas não têm tanto acesso à informação apresentada em diferentes tipos de livros.

Rubem Alves (2004), aponta:

Tudo começa quando a criança fica fascinada com as coisas maravilhosas que moram dentro do livro. Não são as letras, as sílabas e as palavras que fascinam. É a história. A aprendizagem da leitura começa antes da aprendizagem das letras: quando alguém lê a criança escuta com prazer. A criança volta-se para aqueles sinais misteriosos chamados letras. Deseja decifrá-los, compreendê-los – porque eles são a chave que abre o mundo das delícias que moram no livro! Deseja autonomia: ser capaz de chegar ao prazer do texto sem precisar da mediação da pessoa que o está a ler.

Os professores são mediadores essenciais para que os alunos desenvolvam o prazer pela leitura, como afirma Alves (2004), o prazer da leitura é o pressuposto de tudo mais; quem gosta de ler tem nas mãos a chave do mundo. Entretanto o que vivenciamos é o contrário, pois são raros os alunos que sentem prazer no ato de ler.

É importante que o professor goste de ler, para que ele possa transmitir isso aos seus alunos, pois ele é personagem principal para ensinar as crianças a ler e a gostar de ler. Sandroni e Machado (1998) sugerem que os professores exponham os alunos a situações de prazer, elaborem perguntas bem orientadas, registrem níveis de leitura após os comentários feitos pelas crianças,

e com o tempo, descubram o livro de interesse e de preferência dos alunos, para que, através disto, passem a conhecer e cultivar os livros a serem propostos.

A escola tem papel fundamental nesse processo, pois deve criar um ambiente favorável que contribua para o desenvolvimento das potencialidades das crianças, os educadores devem criar condições e situações para que essas potencialidades sejam descobertas e realizadas.

A partir do momento que o aluno aprende a ler e desenvolve o gosto pela leitura, ele tem que ter iniciativa própria para praticar o ato ler, pois a leitura é individual, voluntária e interior. Segundo Richard Bamberger (2000) a leitura é uma forma exemplar de aprendizagem.

Para Allende e Condemarín (1987) os leitores tendem a ser mais receptivos à informação e ao conhecimento do que os outros, e isso difere dos não leitores, pois tendem a ser rígidos em suas próprias ideias e ações, direcionando suas vidas e trabalhos pelo que lhes é permitido diretamente. É lendo que o indivíduo reconhece os símbolos e, logo em seguida, os traduz em conceitos intelectuais; expandir a visão, desenvolver a criatividade; acesso a um mundo de informações, ideias e sonhos; derrubar certas barreiras e obter mais igualdade de oportunidades no campo da educação.

O desenvolvimento de habilidades de leitura, questionamento, raciocínio e comunicação de ideias é condição fundamental para a construção do conhecimento científico. Entendemos, portanto, que é oportuno investir em projetos e pesquisas que estimulem a leitura desde os primeiros anos de vida da criança, pois essa prática é uma ferramenta essencial na sociedade contemporânea.

Considerando a leitura como ferramenta fundamental de acesso à informação, é de extrema importância que as pessoas estabeleçam uma relação

com essa prática, ajudando-as a compreender melhor o mundo que as cerca. No entanto, aprender a ler deve ser visto como algo gratuito e divertido para termos uma nação de leitores no futuro.

## **1.2 O Comportamento de Ler**

Segundo Martins (1990) desde a época dos gregos e romanos, saber ler e escrever significa possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação esta que visava não somente o desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como também das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade, no caso à classe dos homens livres.

De acordo com esta mesma autora o conceito de leitura geralmente está restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem está vinculada com o processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural.

Entretanto, deve ser atribuído ao leitor o exercício de “reconstrutor de sentidos”, tendo em vista que decodificar os sinais gráficos não é o suficiente, é necessário também compreender o texto, interpretando o que está implícito e explícito nele. Lajolo (1982, p. 59) diz que: “Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado”. Freire (2000) afirma que ler é antes de tudo descobrir um significado e não somente decifrar um código.

Para este autor a leitura é também um comportamento muito importante para o desenvolvimento da capacidade crítica do indivíduo. Tendo o leitor um papel ativo no processo da leitura, uma vez que ele é responsável por atribuir sentidos aos textos, pode-se concluir que ele não apenas sabe ler (decifrar os códigos), mas usa a prática da leitura no âmbito social.



A leitura é determinante para o sujeito se interagir, posicionar-se em relação aos textos que circulam nas diferentes esferas, inserindo-se na sociedade. Nesse sentido, a escola tem o compromisso de formar um sujeito leitor e, para isso, precisa propiciar situações que envolvam os alunos nas práticas de linguagem sejam práticas de leitura, oralidade e escrita (PARANÁ, 2009).

Para promover o letramento dos alunos, o professor deve valorizar a leitura desde os primeiros anos que a criança frequenta a escola. O letramento, de acordo com Soares (1998), é diferente da alfabetização: enquanto o processo de alfabetizar ensina o conhecimento do código lingüístico, o letramento tem por finalidade levar o sujeito a praticar, socialmente, a leitura e a escrita. Um processo complementa o outro na formação do leitor, visto que sem conhecer o código, o aluno não irá decifrá-lo, e sem ser letrado, ele não irá compreendê-lo, interpretá-lo, construir significados.

Para despertar nos pequenos o interesse pela leitura, esta não deve ser apresentada como algo “difícil”, mas sim algo lúdico. Vasconcelos (2008) nos ajuda a compreender melhor esta visão, ele afirma que livros-brinquedos podem oferecer uma ocasião para que a criança emita alguns comportamentos, assim como, sorrisos, movimentos corporais e emissão de sons através da estimulação. Diante de uma situação como esta, um adulto, deve utilizar do sorriso e elogios, ensinando a criança como deve manusear um livro e despertando sua curiosidade para este objeto e pela história que nele contém, pois os livros somados às falas e atitudes dos pais e/ou educadores podem atrair a atenção de crianças pequenas.

De acordo com Vasconcellos (2008, p. 11): “a literatura infantil pode contribuir para o enriquecimento do repertório comportamental das crianças, ao oferecer soluções alternativas para problemas em diferentes áreas, presente no mundo infantil”. Para ela utilizar a literatura infantil adequadamente, pode potencializar os benefícios propiciados por esse valioso instrumento e possibilitar a criança desenvolver:

Comportamento verbal, aprendendo a descrever seus próprios sentimentos e pensamentos, adquirindo vocabulário novo e aumentando sua influencia verbal; comportamentos criativos, apresentando soluções originais e flexibilizando o pensamento ao considerar várias perspectivas sobre uma mesma situação; o comportamento de ler, tornando a leitura mais atraente; uma visão crítica da realidade (VASCONCELLOS, 2008, p. 11).

Para Vasconcellos (2008), uma vez que ao utilizar da literatura de maneira lúdica e criativa esta pode trazer inúmeros benefícios. No entanto, deve ser levado em consideração que esses comportamentos citados acima podem ser favorecidos quando pais e professores incentivam a prática da leitura, as atitudes desses responsáveis podem resultar em um encantamento cultural levando as crianças a descobrirem os tesouros presentes nos livros.

Algumas crianças, e até mesmo os adultos possuem certa resistência ao ato de ler. Estes, por sua vez, costumam contar as páginas de um livro e acabam desanimados ao pensar que esta prática vai ocupar muito tempo. Esta leitura normalmente é feita devido a algumas condições que lhes são impostas, e age negativamente sobre o sujeito, reforçando, algumas vezes, o texto como algo insignificante para a sua aprendizagem. Por isso, ressalta-se a importância de trabalhar desde cedo o comportamento de ler, de modo que esta leitura seja significativa na vida do sujeito.

### 1.3 O Papel do Professor

Acredita-se que a formação do sujeito/leitor é um processo contínuo, em que o indivíduo amadurece suas capacidades ao interagir com diversos tipos de textos. Para que essa interação se torne cada vez mais intensa, é necessário dispor ao leitor textos que apresentem desafios graduais. O professor pode ajudar a tornara leitura algo prazeroso e dinâmico, trabalhando com textos que atendam as diferentes etapas da formação do leitor.

A mediação do docente é fundamental e indispensávelna formação de leitores, pois ele é o maior responsável por dispor de situações para que seus alunos possam iniciar e desenvolver essa condição. Segundo Silva (1983) a influência da escola pode tanto educar como traumatizar um aluno; a omissão da instituição pode resultar em graves problemas, dentre estes o da não-leitura.

Para Sandroni e Machado (1998, p. 60), devemos reconhecer que: “à escola não cabe apenas ‘ensinar a ler’ ou ‘fornecer informações’, mas enriquecer o aluno com a aquisição de instrumentos para seu processo de permanente autoformação”.

A escola precisa aprimorar-se e atender às exigências de formar cidadãos conscientes, estimulando a ler mais do que aquilo que está exposto; ser capaz de compreender as entrelinhas de um texto, o discurso implícito, vivenciando situações de leitura significativas, de modo que seja possível a leitura reflexiva dos textos, permitindo que o aluno interaja com o que leu.

Raramente a escola se preocupa com a formação do sujeito leitor. Seu objetivo principal consiste principalmente na assimilação, pelo aluno, da tradição literária, patrimônio que ele recebe pronto e cuja qualidade e importância precisa aceitar e repetir. Supõe-se que, atingida essa meta, o estudante transforma-se num apreciador da literatura e saiba escolher com segurança os melhores livros (ZILBERMAN, 1989 apud CECILIATO, 2007, p. 26).

A relação professor/aluno é importante para que sejam formados leitores fluentes, pois essa relação pode proporcionar um interesse maior na busca do conhecimento. O professor deve transformar o ato de ler em uma experiência agradável, incentivando seus alunos a serem leitores de literatura críticos da obra literária.

Para Ceciliato (2007) muitos estudantes brasileiros não compreendem o que lêem, pois pesquisas têm revelado o baixo índice de desempenho à capacidade de leitura desses alunos, e isso leva a questionar as práticas de leituras que existem nas escolas. Ela afirma que a realidade das escolas brasileiras está sobre dois opostos visto que ou se trabalha com a leitura livre dos alunos, em que não há cobrança nem acompanhamento do professor; ou se trabalha a leitura dirigida, em que o professor determina o que seus alunos devem fazer com suas leituras.

[...] em razão de ser a escola instantânea responsável pela formação do leitor competente e crítico, o que se observa é que a leitura livre peca pela liberdade excessiva dada aos estudantes, por deixá-los ler somente o que querem e do modo como querem: os leitores, muitas vezes não lêem o que está previsto no texto e, ao invés de se aterem ao que fala o texto e como o autor trata o tema, discutem as suas realidades imediatas, sem estabelecerem o distanciamento entre a obra e o cotidiano vivido por eles (CECILIATO, 2007, p. 13).

É preciso que o professor dê mais espaço à leitura literária, trabalhando esses diversos aspectos apresentados por Ceciliato (2007) desde o início do processo de alfabetização, preparando o leitor para ser um sujeito crítico e competente no que diz respeito ao ato de ler, respeitando as peculiaridades de cada fase e desenvolvendo práticas de leitura em que o aluno/sujeito seja ativo no seu papel de leitor, atribuindo significados para o texto, acrescentando suas experiências, refletindo sobre o que leu.

A escola deve proporcionar a leitura de diversos gêneros, isto é, de textos que circulam em diferentes esferas sociais, seja na esfera jornalística, publicitária, literária, artística, cotidiana, midiática.

A leitura literária tem um caráter formador, por isso dá-se a necessidade dos professores estimularem, em todo o desenvolvimento escolar, ao exercício da leitura de diferentes gêneros, com as mais diversas intenções. Tendo em vista que utilizar da leitura para realizar somente atividades obrigatórias e repetitivas pode-se ter como resultado “falsos leitores”, isto é, aqueles indivíduos que lêem só para agradar alguém ou para obter nota.

Os livros didáticos são vistos como livros da escola e não dos leitores. Aqui surge a primeira divisão de águas: certas leituras são para escola, não para si próprios. No entanto, esse mesmo leitor, se consultado, poderá surpreender-se ao perceber que gostou de uma determinada leitura, indicada pela professora. A leitura espontânea torna-se rara. Estaremos então formando um leitor escolar? Um leitor que, distante do espaço escolar, esquece do prazer da leitura? E a leitura é realmente prazerosa? (MARCHI, 1997, p. 158).

A leitura é uma atividade de extrema importância que deve ser trabalhada de maneira interativa, o aluno não deve apenas “ler porque a professora mandou”, mas ler para aprender, compreender, atribuir sentidos ao texto e associar a leitura com o seu conhecimento de mundo.

A aprendizagem deve ter como foco o aluno, em vez do professor, e o processo de elaboração ativa do conhecimento, em vez da acumulação de informação. Estamos no período pós-moderno e ainda podemos observar nas escolas a utilização de métodos tradicionais em se tratando da modalidade de leitura, distanciando, muitas vezes, o leitor do texto.

O ensino de leitura deveria corresponder à percepção que conseguimos da natureza da leitura. Processo complexo, a leitura compreende várias fases de desenvolvimento. Antes de mais nada, é um processo receptivo durante o qual se

reconhecem símbolos. Em seguida, ocorre a transferência para conceitos intelectuais. Essa tarefa mental se amplia num processo reflexivo à proporção que as idéias se ligam em unidades de pensamento cada vez maiores. O processo mental, no entanto, não consiste apenas na compreensão das idéias percebidas, mas também na sua interpretação (BAMBERGUER, 2000, p. 23).

Bamberguer (2000), afirma que a leitura resulta em conhecimento, no aluno o papel de sujeito ativo no processo de compreensão e interpretação dos diferentes gêneros textuais. Pode-se dizer que quando o professor propõe a leitura de um texto e, apresenta uma interpretação deste, sem abrir espaço para as interpretações que não são iguais à sua, limitando-se a não aceitar as diferentes concepções dos alunos, ele não está trabalhando com o aprimoramento do aprendiz. Não existem leituras previstas por um texto, como se ele fosse auto-suficiente, pois o texto só tem sentido quando é lido, o que não significa dizer que qualquer leitura é admissível para um texto, desconsiderando os seus objetivos, as suas marcas discursivas.

Para despertar no aluno a vontade de ler, repetir e diversificar suas leituras, é importante que o docente também proporcione diálogos com a turma, dando aos alunos a liberdade de falar o que pensam sobre os textos, suas impressões, dúvidas e opiniões, discutindo os diversos significados que são atribuídos a ele.

Os PCN's (BRASIL, 2000) ressaltam que formar um leitor competente significa formar um indivíduo que entende aquilo que lê; que possa aprender a ler, percebendo as informações que estão implícitas; que consiga relacionar o texto que lê com outros textos já lidos; que saiba que várias opiniões podem ser encontradas em um texto; que consiga explicar e validar a sua literatura por meio de diversos elementos discursivos.

Acredita-se que formar leitores requer condições favoráveis à prática de leitura, não só ao que diz respeito a recursos materiais, mas principalmente ao uso deles. Conviver diariamente com a leitura, leitores e livros é essencial para que possamos ter leitores contínuos.

#### **1.4. O Papel da Família**

A prática de leitura não deve se restringir apenas às atividades de sala de aula. Apesar de ser responsabilidade da escola alfabetizar e letrar o aluno, o incentivo à leitura precisa acontecer dentro e fora da escola, uma vez que o aluno não lê para a escola, mas sim para se inserir e interagir na sociedade.

A leitura estimula a imaginação, a criatividade e favorece o desenvolvimento do intelecto da criança. Por isto, é necessário proporcionar a ela situações que despertem o prazer para por este ato. Isso é muito importante, tendo em vista que, segundo Sandroni (2005), a leitura é um aprendizado difícil, e devido a isso são necessários incentivos para obter uma prática diária.

A família tem um papel de suma importância no incentivo à leitura. Ela deve estimular seus filhos para que estes se familiarizem com o mundo dos livros, afim de que o ato de ler não seja vinculado somente com as obrigações escolares.

O ambiente em que a criança vive exerce grande influência para que ela seja uma leitora praticante ou não. Sandroni (2005, p. 8) sugere que os pais que não praticam a leitura “deveriam pensar na importância de tentar mudar de comportamento, tanto em benefício dos seus filhos quanto de si mesmos”.

Bettehlein e Zelan (1992, p. 20) apontam a necessidade de haver condições favoráveis para a formação da criança como sujeito leitor. “As crianças que adquirem um grande interesse pela leitura em sua família têm grande

facilidade de aprender na escola, e elas formam a imensa maioria daqueles que, mais tarde se tornam bons leitores”.

A família tem o papel fundamental na fase inicial, principalmente, da prática de leitura de seus filhos. Esse incentivo pode acontecer, por exemplo, por meio de brincadeiras utilizando histórias, figuras de jornais, presentear seus filhos com livros e revistas, deixar os livros num lugar de fácil acesso em casa, para que a criança saiba onde encontrá-los e assim poder manuseá-los quando estiver com vontade. Mesmo antes de ser alfabetizada, a criança pode ler livros ilustrativos; além disso, é muito importante que os pais leiam para os seus filhos, e contem histórias, para colaborar com o desenvolvimento da imaginação das crianças.

Para Sandroni (2005) deve existir na família a hora de pais e filhos curtirem um livro juntos, da qual deve-se partilhar com as crianças:

[...] livro de histórias curtas, contadas com palavras fáceis de ler e entender, ilustrado com imagens que falem das personagens e ações que estão sendo ali mostradas, que faça rir de verdade, que seja engraçado, que faça pensar em coisas novas, que informe, que faça brincar com as mãos, olhos e ouvidos. O importante é que nesta hora não haja pressa (SANDRONI, 2005, p. 10).

Sandroni (2005), diz que se os pais passarem uma parte de seu tempo lendo para seus filhos, a atitude ler ser para os filhos, essa atitude tornar-se-ia algo natural e espontâneo, favorecendo a formação da criança enquanto leitora. O apoio que a família desempenha é essencial, ela deve fornecer as condições necessárias para a aprendizagem acerca da leitura.

Busatto (2008) questiona: quantos pais se dispõem a ler para seus filhos depois de um dia exaustivo de trabalho? A autora reforça que educar não é uma tarefa fácil, e prossegue afirmando “educar é também desfrutar o prazer de estar junto numa atividade gostosa. É descobrir que sempre há mais energia do que



pensamos ter, e que ela poderá ser dirigida para preparar o sono do filho, por exemplo” (BUSATTO, 2008, p. 47).

Outra atitude que também contribui para a formação do sujeito leitor é a conversa. De acordo com Sandroni e Machado (1998) através dela os pais preparam seus filhos para explorar verbalmente o mundo.

“É falando e ouvindo em situações de prazer que a criança adquire o gosto pela linguagem, que vai lhe servir de base para desejar ouvir histórias, ver e ler livros” (SANDRONI; MACHADO, 1998, p. 12).

A criança que está familiarizada com os livros compreende melhor a linguagem destes, o gosto pela leitura, geralmente, é o resultado das práticas de leitura, por isso é importante que os pais se empenhem em estimular seus filhos desde pequenos a esta prática, conscientizando-os sobre a importância deste ato.

[...] mesmo quando ainda não sabem ler, as crianças devem se habituar a ouvir histórias. E quanto mais os pais se envolvem na brincadeira, melhor. Para o desenvolvimento delas faz bem mergulhar no mundo da fantasia. Para os pais, é mais uma forma de estar junto aos pequenos e fortalecer os laços afetivos (SCLIAR, 2000, p. 54).

Sandroni (2005) defende que é importante sempre dar espaço para a fantasia e mostrar às crianças pequenas contos e história que não dêem relevância excessiva à moral. A autora afirma que:

Pesquisas já mostraram que as histórias favoritas de crianças de diversas idades refletem os conflitos emocionais e as fantasias particulares, que elas experimentam em diversos momentos da vida. Lendo, a criança se identifica com esta ou aquela personagem, numa situação semelhante a alguma outra já por ela vivida, e isto pode ajudá-la a resolver seus problemas (SANDRONI, 2005, p. 7).

Os contos de fadas estimulam a maturidade psicológica, pois através deles a criança pode compreender situações vivenciadas por si própria e de suas experiências com o mundo, o que lhe fornece um sentido mais pessoal e auxilia

na resolução das dificuldades que a oprimi. Encontrar soluções para as situações apresentadas nos contos possibilita à criança superar alguns sentimentos de desesperança, tendo em vista que, geralmente, elas conseguem notar qual história é adequada para sua vida no momento, e também percebem como enfrentar a situação.

Os pais não devem se restringir em contar somente histórias que encantem seus filhos, com medo de que eles se assustem. Sandroni (2005, p. 12) ressalta que: “é preciso que a criança entre em contato e explore os lados mais sombrios da vida. Sentindo o calor da voz e do corpo dos pais, a criança pode ouvir histórias sobre gente má. Ela vai percebendo que a vida nem sempre é boa e tranqüila”. As histórias assustadoras podem ajudar as crianças a enfrentar o medo, transmitindo coragem e ensinando-as como reagir diante dos mais variados tipos de medos, assim como, medo da bruxa, do lobo, do escuro, etc. É interessante trabalhar este aspecto porque o medo está presente na vida de todos, principalmente na das crianças.

Sandroni e Machado (1998) afirmam que o amor pelo livro não é uma coisa que aparece de repente, é preciso ajudar a criança a descobrir o que eles podem lhe oferecer. Cada livro pode trazer um novo conhecimento, que ajuda a fazer uma descoberta importante e ampliar o horizonte da criança.

A literatura infantil deve estar inserida com mais ênfase na sociedade brasileira. Embora a produção literária infantil esteja crescendo no Brasil de forma significativa e com uma boa qualidade e que os contadores estejam cada vez mais frequentes em shoppings centers, escolas e eventos, pode-se notar que essas situações que atraem a população infantil para a leitura normalmente são proporcionadas para as crianças que fazem parte da classe média/alta da população. As crianças, de modo geral, precisam de um contato ainda maior

com esses livros, principalmente no ambiente escolar e entre os membros familiares.

A família pode colaborar com a prática de leitura. Destaca-se, ainda, que quando a criança começa ir à escola e encontra dificuldade no ato de ler, ela, muitas vezes, se distancia do livro. É nesse momento que os pais devem ter calma, e sem fazer pressão, incentivar seus filhos buscando livros pelos quais eles apresentam interesse, participando ativamente dessa fase de desenvolvimento e se mostrando como exemplo de sujeito leitor.

## CAPÍTULO 2

### CONTO DE FADAS

**Figura 2:** Rainha, Neve, Ilustração, Conto, Livro, Fada, Abertos



**Fonte:** <https://www.canstockphoto.com.br>

Histórias fantásticas sobre seres imaginários, pequenos, míticos, que podem ser encontrados no fascinante reino da fantasia e encantamento, onde habitam as bruxas, príncipes, princesas, animais que parecem seres humanos, dificuldades, soluções e promessa de um final feliz.

Os contos infantis, apesar de apresentarem características fantásticas, mostram comportamentos humanos, situações reais dentro de um irrealismo estético-recreativo – as fadas têm qualidades humanas e os animais se expressam por meio de palavras. As fadas simbolizam a beleza, cultivam emoções positivas, são

otimistas e voltadas para o bem-estar de todos os seres vivos. Análises do mundo fabuloso podem ser ricas para as brincadeiras, incluindo vários conceitos como bem e mal, o certo e o errado, a justiça, a felicidade, entre outros abordados pelos livros (VASCONCELLOS, 2008, p. 13).

Apesar de se chamarem contos de fadas, nem sempre as fadas estão presentes nas histórias, mas mesmo assim fazem uso de magia e encantamento. Para Bettelheim (1985), seu núcleo problemático é existencial, isto é, o herói ou a heroína buscam a realização pessoal. O enfrentamento de grandes obstáculos são rituais de iniciação para o herói ou heroína, antes vencer o mal. Na maioria dos contos o lado do mal é representado por: lobos, leões, dragões, ratos, grilos, etc. Pode-se dizer que os contos de fadas possuem um conjunto de textos narrativos de tradição oral, por meio de conteúdos apropriados a diferentes destinatários, capazes de desenvolver a imaginação a ponto de vivenciar a história.

Busatto (2008, p. 30) afirma que depois que os personagens cumprem sua parte na narrativa eles desaparecem da história. A autora exemplifica como isto ocorre: “o pai que surge no início da história como propulsor do conflito que o filho terá que resolver simplesmente desaparece após esta introdução.” Nos contos, o desenvolvimento da história é curto, as situações que vivem os personagens são diretas.

A diferença dos personagens dos contos de fadas para a realidade é que nos contos de fadas esses personagens não são ambivalentes, isto é, não são boas e más ao mesmo tempo, como é o ser humano. Nos contos ou a pessoa é boa ou é má, não tem o meio termo. Um irmão trabalhador e os outros preguiçosos; uma menina boa e inocente e um lobo cheio de maldades; uma irmã linda e as outras feias.

De acordo com Bettelheim (1985), a oposição dos personagens tem o propósito de frisar o comportamento correto, isto é, a criança pode compreender que existem grandes diferenças entre as pessoas, e conseqüentemente, notar que o indivíduo tem que fazer opções sobre quem quer ser. Essas escolhas são baseadas pelos personagens que despertam simpatia e antipatia.

Enquanto diverte a criança, o conto de fadas a esclarece sobre si mesma, e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existencia da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança (BETTELHEIM, 1985, p. 20).

Para Bettelheim (1985) essas histórias representam, de maneira imaginativa, o processo de desenvolvimento humano, despertando a atração das crianças para fazer parte de tal processo. O autor ressalta que os contos de fadas colaboram de modo positivo para o desenvolvimento interno da criança. Essas histórias fazem com que a fantasia da criança, aplique sobre ela mesma, aquilo que a história revela sobre a vida e a natureza humana, tendo em vista que por meio destes contos a criança tem a possibilidade de pensar e experimentar o mundo.

Partem de um problema vinculado à realidade (como estado de penúria carência afetiva, conflito entre mãe e filho) que desequilibra a tranqüilidade inicial. O desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos (fadas, bruxas, anões, duendes, gigantes etc...). A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real. Valendo-se desta estrutura, os autores, de um lado, demonstram que aceitam o potencial imaginativo infantil e, de outro, transmitem, à criança a idéia de que ela não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia, sendo necessário assumir o real, no momento certo (AGUIAR, 1990 apud AMBRAMOVICH, 2001, p. 120).

Aguiar (1990) apud Ambramovich (2001) defende que as crianças se utilizam dos contos de fadas para enfrentar os problemas reais que estão passando naquele momento. Acredita-se que estes recursos mostram para as crianças que as dificuldades podem ser vencidas, por mais ameaçadoras que estas possam parecer, auxiliando no amadurecimento psicológico das crianças e instruindo-as a aceitar e lidar com determinadas situações.

Os contos de fada têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir por si só. Ainda mais importante: a forma e a estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida (BETELHEIM, 1985, p. 16).

Os contos de fadas são gêneros literários compostos por diversos significados, podendo ser explorados em seus diferentes aspectos, com personagens marcantes e bem definidos em suas peculiaridades, sugerindo solução para lidar com os problemas psicológicos, enfim, são histórias simples e claras, que têm a capacidade de entender o pensamento infantil, estimulando as crianças à leitura e à imaginação, possibilitando que estas entrem no mundo da magia, sem se sentirem inferiores.

## 2.1 A História dos Contos de Fadas

Segundo Galhiardi e Amaral (2001) se analisarmos o contexto histórico, verificaremos que:

Os contos de fadas são histórias muito antigas. Sua origem se perde no tempo. Sabemos que, no início de sua existência, eles eram transmitidos de boca em boca: quem ouvia uma história memorizava e contava-a para outras pessoas, que faziam o mesmo. Assim eles fazem parte da herança cultural que conhecemos como tradição oral. A tradição oral é um modo de conservar conhecimentos e transmití-los de uma geração para outra pelas conversas, pelas histórias, sem registros escritos (GALHIARDI; AMARAL, 2001, p. 15).

As autoras afirmam que os contos foram mudando ao longo dos séculos, pois como diz o velho ditado popular “quem conta um conto aumenta um ponto”, isto é, ao recontarem uma história as pessoas modificam-a. Nesse sentido as referidas autoras expõe ainda que:

Os contadores adaptam as histórias aos diferentes públicos a que se dirigem. Eles são influenciados por seu tempo e pelo lugar onde vivem. Assim as histórias sofrem mudanças, porque incorporam os modos de vida e de pensar das pessoas das diversas épocas e regiões por onde circularam e circulam (GAGLIARDI; AMARAL, 2001, p. 15).

No século XVI algumas pessoas acharam importante registrar essas e outras histórias em livros, para que elas não fossem esquecidas, mas somente durante o século XVII que a literatura infantil se constitui como gênero, lembrando que antes disso não se escrevia para as crianças, pois segundo Zilberman (1987), por não haver “infância”, nesse período não existia uma consideração especial para a criança, essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente e nem o mundo da criança como um espaço separado.

Segundo Gagliardi e Amaral (2001) os primeiros livros infantis foram produzidos no final do século XVII e durante o século XVIII e, dentre eles estão: As Fábulas, de La Fontaine (1668 e 1694), os Contos da Mãe Gansa, de Charles Perrault (1697), As Aventuras de Telêmaco, de Fénelon (1717). Perrault foi o responsável pela primeira revolução na literatura infantil, seu livro provoca preferência pelos contos de fadas, para Gagliardi e Amaral (2001, p. 16) “esse livro traz algumas das histórias que era, passadas de boca em boca naquela época, como por exemplo, A Bela Adormecida no bosque, O Gato de Botas, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho e o Pequeno Polegar”.

A publicação desses contos continua sendo feita até hoje, em diferentes versões, de acordo como o país e o público para qual são direcionadas. Para



Gagliardi e Amaral (2001, p. 16) “da versão original de Perroault até as versões de Walt Disney, muita coisa já foi alterada (ilustrações e trechos da história), mas muitos elementos permanecem, o que nos permite perceber que são os mesmos contos”.

No Brasil, somente em meados do séculos XIX e no século XX, surgiram obras nacionais a partir de Monteiro Lobato. Isso foi muito importante para a literatura infantil, não só pelo fato do brasileiro consumir bens culturais, mas também pela importância da busca de saberes no novo modelo social.

Ao analisarmos o contexto histórico da literatura infantil, nota-se que os contos de fadas sempre se sobressaíram diante das obras literárias produzidas para crianças.

Atualmente, temos diversos escritores produzindo livros infantis, e contamos com uma grande variedade de temas a serem trabalhados com os pequenos. Pode-se dizer que a literatura infantil deu um “salto” significativo há alguns anos atrás, dispondo uma maior quantidade de livros literários com qualidade.

## **2.2 O Encantamento**

O interesse na leitura ocorre num processo contínuo, que se inicia na família, reforça-se na escola e continua ao longo da vida, por meio das influências culturais que o indivíduo recebe. A leitura deixa marcas intensas na vida e na formação do indivíduo, podendo mudar sua realidade econômica, social e intelectual. Portanto, pais e professores precisam criarem situações das quais as crianças ouçam muitas histórias, proporcionando por meio da oralidade o primeiro contato com o texto, porque ouvir também é uma forma de ler. A

contação ou leitura das obras é uma condição essencial para os professores da educação infantil.

Histórias não garantem a felicidade nem o sucesso na vida, mas ajudam. Elas são como exemplos, metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade e, quanto mais variadas e extraordinárias forem as situações que elas contam, mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem.[...] Uma mente mais rica possibilita que sejamos flexíveis emocionalmente, capazes de reagir adequadamente, a situações difíceis, assim como criar soluções para os nossos impasses. Certamente, essas qualidades, dependem de que tenhamos recebido um suporte adequado na infância (CORSO; CORSO, 2006, p. 303).

A importância dos contos de fadas como um recurso que dispõe de magia e ficção, significa dizer que essas histórias devem ser ricas e de qualidade, o que é diferente de histórias compostas somente por finais felizes.

Bettelheim (1985) ressalta a importância dos contos de fadas, apresentando a eficácia deste na vida e formação das crianças, tendo como base suas contribuições psicológicas.

De acordo com o autor as crianças têm dificuldade em separar os objetos das coisas vivas, ou seja, não conseguem diferenciar seu pensamento de uma simples escrita, isto faz com que elas compreendam a realidade e fantasia concomitantemente. No mundo do faz de conta, a criança se coloca no lugar do personagem, vivenciando as diferentes situações apresentadas nos livros.

Além das qualidades dos personagens, tanto os bons quanto os más, pode-se notar também as comparações feitas entre eles, por exemplo: “a bruxa era tão poderosa que [...]”; “menina branquinha como a neve”; “o príncipe era tão forte que [...]”; “o patinho era tão feio que [...]”.

Acredita-se que essas qualidades e comparações apresentadas nos contos de fadas representam a formação de valores morais e éticos, fazendo com que

a criança distinga as atitudes dos personagens e construa as suas, percebendo a si própria e ao próximo.

Para Bettelheim (1985) os contos de fadas podem auxiliar na elaboração dos conflitos psicológicos da criança. Segundo o autor dependendo do modo como a história é contada, isto é, se ela é contada de maneira clara e desperta o interesse, a criança consegue relacionar os diversos aspectos expostos com a sua personalidade, favorecendo o desenvolvimento psicológico desta.

O contato com o maravilhoso universo dos contos proporciona às crianças acesso ao conhecimento emocional. Esses contos encantadores conduzem os pequenos ao pensamento crítico, ensinando-os a enfrentar as situações que lhes são impostas. Eles trabalham com muitos problemas que incomodam as crianças, encorajando-as e apontando alguns caminhos para a resolução destes.

Bettelheim (1985) destaca que os contos de fadas são as histórias que mais agradam e atendem as necessidades infantis, devido a isso é relevante serem trabalhadas. Entretanto, o referido autor afirma que, se tentarmos esclarecer a uma criança a necessidade de trabalhar com os contos, mostrando a diferença do mundo real ao mundo da fantasia e apontando porque os contos de fadas a encantam tanto, podemos destruir o maravilhoso da história. Por isto, temos que deixar os alunos desvendarem e interpretarem a história, isso não quer dizer que o professor estará afastando a criança do mundo real, mas sim colaborando para que ela se entenda e perceba o seu mundo, seus anseios, prazeres, carências, perdas e buscas. Momentos como estes, nos quais a imaginação e a fantasia estão presentes são extremamente necessários para o desenvolvimento da criança.

Para Bettelheim (1985) os contos de fadas podem consolar mais a criança do que um adulto. Geralmente elas acreditam nos contos de fadas, porque a opinião contida nessas histórias vai ao encontro da sua.

Muitos adultos acreditam que essas histórias proporcionam respostas extraordinárias às crianças, porém não tão verdadeiras, devido a isto, se recusam colocar a criança em contato com os contos de fadas. Contudo, cabe destacar que explicações realistas são, muitas vezes, enigmáticas para as crianças, porque elas necessitam de explicações abstratas, para que as informações tenham sentidos (BETTELHEIM, 1985).

Concorda-se com Bettelheim (1985), visto que uma explicação fundamentada por um adulto, que utiliza de uma linguagem fora do vocabulário infantil, pode deixar a criança mais insegura e confusa ainda.

Mesmo sabendo que essas crianças nunca serão príncipes ou princesas e nem felizes para sempre, a segurança e experiência que esses contos transmitem faz com que os sujeitos consigam superar suas dificuldades e se tornarem mais autônomos.

As histórias reais que vivenciamos na sociedade contemporânea composta por injustiça, violência, desigualdade, é muito difícil de ser aceita. Entretanto, mesmo que a ficção encontrada nos contos de fadas não consiga mudar essa realidade, através dela é possível ao menos enriquecê-la por meio da leitura.

## CAPÍTULO 3

### A LEITURA E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

**Figura 3.** História – Aula teatro infantil



<https://www.google.com>

Coelho (2001, p. 13) destaca que já é “constatada a importância da história como fonte de prazer para a criança e a contribuição que oferece ao seu desenvolvimento.”

Para Borges e Bortolin (2009), para ler uma história ou até mesmo para ser um contador de história não é preciso ter “dom”, mas ser sensível às maravilhas que a história pode oferecer. As referidas autoras afirmam que todos têm a capacidade de ser contadores de história e a habilidade para lê-las. Contar história faz parte do cotidiano e esse é ato praticado constantemente, seja por meio de um fato ocorrido, um desabafo ou uma conversa, qualquer pessoa conta uma história, pois é um ato natural do ser humano.

Segundo Coelho (2001, p. 13): “o sucesso da narrativa depende de vários fatores que se interligam”. De acordo com a autora, o narrador tem que buscar a melhor forma e o melhor recurso para apresentar a história. Ele também precisa conhecer o interesse do ouvinte e proporcionar histórias adequadas conforme a idade dos alunos e suas condições sócio-econômicas.

Coelho (2001) descreve o que deve ser proporcionado para cada faixa etária na educação infantil. Ele classifica que as crianças de até 3 anos estão na fase pré-mágica, em que deve ser enfatizado histórias de bichinhos, brinquedos, objetos e seres da natureza. Dos 3 até os 6 anos, as crianças se encontram na fase mágica, neste período deve ser trabalhado histórias acumulativas e com repetição; histórias de fada; ele relata que em um primeiro momento as crianças preferem histórias com curto enredo, depois optam por enredos mais longos. Para o autor, ambas as fases devem conter um enredo simples, vivo e atraente.

O tempo de duração da história deve estar de acordo com a idade do sujeito ouvinte. Lima (2005) apud Lima; Giroto (2009) defende que na educação infantil, as crianças têm mais dificuldade de permanecer muito tempo ouvindo histórias, principalmente se a professora não provoca certo interesse nas crianças, chamando a atenção destas por meio de diferentes recursos e inserindo a prática de contar e ler histórias como parte da rotina escolar.

A referida autora aponta que a hora do conto ou a hora da história é um momento fundamental na rotina de trabalho com crianças pequenas, tendo em vista que o período dos primeiros anos de vida é aquele em que o indivíduo se desenvolve de forma acelerada, aperfeiçoando a percepção, atenção, memória, pensamento e comunicação.

A fim de mexer com o imaginário infantil, é interessante que o professor cante com a turma uma música antes de começar a narrar à história.

[...] “era uma vez”, “há muito tempo atrás”, “no tempo em que os bichos falavam”, “no tempo em que a galinha tinha dentes”, “numa floresta muito distante daqui”; “entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra”, “minha história acabou, um rato passou, quem o pegar, poderá sua pele aproveitar” (BORGES; BERTOLIN, 2009, p. 3).

Mesmo tendo inovações ao narrar textos, deve-se cuidar para que a história continue com sua essência e preocupar-se em trabalhar a emoção e a imaginação do sujeito ouvinte. Nesse sentido, destaca-se que a qualidade dos livros que se lê é fundamental, visto que o uso destes é muito significativo para o desenvolvimento e formação da criança. Eles podem transformar a vida de um sujeito e aprofundar o conhecimento.

É preciso ter cuidado ao apresentarmos livros às crianças, pois o momento de contar e ler histórias são oportunidades preciosas, porque uma boa contação estimula a imaginação, apresentando as mais diversas emoções e situações que esta pode vivenciar.

Ler histórias para crianças sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar, com as situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (AMBRAMOVICH, 2001, p. 17).

O narrador precisa interpretar a história lida como algo real, vivenciado por ele, para que assim possa chamar a atenção e despertar o interesse de seus alunos. Independentemente se o narrador preferir contar a história sentado no chão, ou em uma cadeira que o deixe a altura dos pequenos, para poder olharnos olhos destes, ou até mesmo em pé, para Busatto (2008, p. 69) o importante é que ele se sinta acomodado. A autora aponta que se o narrador optar por contar em pé, deve estar atento “para que a sua movimentação não seja excessiva, pois isso poderá retirar a força do texto e dispersar a platéia”.

Busatto (2008, p. 70): “ele estará mais próximo da prática de do contador leigo, do que o contador urbano”. A referida autora prossegue afirmando que “se contar em pé nos permite maior flexibilidade, por outro lado também nos expõe mais”.

É importante que o narrador saiba utilizar a expressão corporal e a voz como um grande recurso, a fim de imitar os personagens que fazem parte do enredo, mas isso deve ser feito com naturalidade, sem exageros, para



que a criança fique envolvida pelo encantamento e pela fantasia apresentada no conto.

Em nenhum caso, o contador interrompe a narrativa. Se for um adendo, confirma-o com um sorriso, uma palavra, um gesto de assentimento. Na segunda hipótese fixa o olhar na direção de quem interrompeu, sorri e com um gesto pede-lhe para aguardar. Concluída a narração, imediatamente pergunta-lhe o que estava querendo dizer ou indagar, dando-lhe oportunidade de expandir-se (COELHO, 2001, p. 55).

Coelho (2001) afirma que: “as crianças que interrompem com frequência e mostram sinais de indisciplina são as que mais necessitam ouvir histórias” (COELHO, 2001, p. 56). Portanto, é conveniente que o educador faça alguns combinados juntamente com a turma, estabelecendo aquilo que pode ser feito na hora do conto e no canto da leitura, com a finalidade de ensiná-los a respeitarem esses momentos, para que se possam ter uma melhor exploração e aprendizagem.

O narrador tem que transmitir confiança, motivar a atenção e despertar a admiração. Tem que conduzir a situação como se fosse um virtuoso que sabe o seu texto, que o tem memorizado, que pode permitir-se o luxo de fazer variações sobre o tema (ELIZAGARY apud AMBRAMOVICH, 2001, p. 20).

É fundamental que o professor da educação infantil saiba como contar histórias para os seus alunos, e realize essa prática diariamente, pois é neste período que a criança deve ser fortemente estimulada à leitura, possibilitando-a um caminho infinito de descobertas e de compreensão do mundo.

As crianças ao entrar em contato com o livro durante a infância podem levá-las ao sucesso escolar. Normalmente, as crianças que têm acesso a um ambiente letrado criam maior interesse pela leitura, portanto, se o professor apresenta livros de qualidade aos seus alunos, aguça e instiga o

gosto pela leitura por meio do lúdico e do diferente, gera um interesse maior por parte das crianças em ouvir as histórias, e futuramente lê-las.

É preciso esclarecer que há diferenças entre ler, contar e representar histórias, mesmo que ambas envolvam uma preparação. Para ler uma história o narrador se apóia no livro; já o ato de contar história depende da memória do contador, Busatto (2008) ressalva que em uma narrativa, o contador é quem “irá conduzir a história de tal forma que um pequeno gesto, empregado à fala de um personagem, crie para a criança todo o referencial necessário para que sua imaginação se encarregue do resto” (BUSATTO, 2008, p. 76); diferentemente das características apresentadas acima, a representação de uma história envolve ações mais exatas dos personagens, “sua voz, seu pensamento, de tal maneira que ele se apresente inteiro para quem esteja assistindo” (BUSATTO, 2008, p. 74).

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e som, a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz (AMBRAMOVICH, 2001, p. 18).

É necessário ressaltar que uma história não deve ser apresentada aos alunos de qualquer jeito, ela deve ser planejada e contada com segurança e naturalidade pelo professor. Quem se sujeita a contar ou ler tem que observar as diversas características dos diferentes elementos que a compõe, familiarizando-se com os personagens e transmitindo as emoções. É preciso

criar um clima, sabendo pausar na hora certa, dar um “tempo” para que as crianças internalizem o que ouvem.

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam e quem as ouve (AMBRAMOVICH, 2001, p. 17).

Os contos de fadas permitem que a criança experimente essas sensações. Nesse sentido, o trabalho coletivo com tal gênero textual é valorizado neste estudo. Além de o sujeito ouvir a história, ele pode se sentir atraído a participar dela, refletindo sobre o personagem que mais se reconhece, por que, gostou ou não da história, os sentimentos que o texto lhe causou (emoções, tristeza, medos, amor, dificuldades, necessidades, perda, busca, sofrimento, raiva, etc.). Experimentar tais sensações por meio da leitura ajuda a criança a passar pelos estágios de desenvolvimento, ajudando a ampliar a experiência da criança. No entanto, deve-se notar que às vezes a criança pode ficar um pouco confusa entre o que é real e o que não é, mas quando adulta ela começa a entender a história como uma representação de um universo que não existe.

Para Ambramovich (2001) os contos fazem parte de um universo fantástico e surgem de uma situação real, trabalhando com os sentimentos das crianças, visto que as histórias não revelam o tempo nem o espaço em que acontecem, mas abrem as portas para quem quiser entrar e fazer parte delas. Os personagens vivenciam diferentes situações, das quais, têm que encontrar uma solução para resolver os problemas que aparecem no decorrer da história, convidando a criança a uma viagem, por meio da imaginação, para que juntos percorram o caminho e vençam os obstáculos.

“Antes de sensibilizar o ouvinte o conto precisa sensibilizar o contador. A maneira como enxergamos o conto será a mesma maneira que o outro irá vê-lo” (BUSATTO, 2008, p. 47). Portanto, a história tem que ser contada com emoção, para motivar as crianças. A afetividade entre o narrador e a história, permite observar como ela está sendo aceita pelos ouvintes, deixando-a mais rica e encantadora.

Não importa se contamos para instruir ou divertir, para curar, salvar ou embalar. O que não podemos esquecer é que temos nas mãos, ou melhor, na voz, um produto oriundo do imaginário dos nossos ancestrais e, se queremos nos aprimorar dele para encantar, é necessário a consciência de que ‘o amor à palavra é uma virtude; seu uso, uma alegria’ (BUSATTO, 2008, p. 82).

O mundo dos contos de fadas é composto por diversas letras, que, quando articulado às ilustrações auxiliam para que o ato de ler e de contar histórias se tornem mais cativantes, permitindo que as crianças entrem neste cenário de faz- de-conta.

O professor tem um papel muito importante em relação ao desenvolvimento da leitura. Nesse sentido, considerando o exposto, acredita-se que ele deva estimular seus alunos e, para isso, sugere-se que sejam utilizados variados recursos e usufruídos de diferentes espaços na escola, a fim de buscar lugares ideais para narrar, não se limitando somente à sala de aula.

### **3.1. Os contos de fadas na escola**

O professor tem um leque de opções para contar uma história, e fazer dela um verdadeiro tesouro, mas é preciso usar a criatividade. Todavia, o

planejamento e a leitura prévia são essenciais para apresentar um conto aos alunos.

Antes de começar a ler a história é interessante estabelecer uma breve conversa sobre o livro, levantando as referências que os alunos já têm sobre o assunto, se já ouviram falar da história e seus conhecimentos sobre os personagens. Isso também pode ser feito quando a história finaliza, o professor deve conversar com seus alunos, responder às dúvidas apresentadas, levantar alguns pontos relevantes, instigar os alunos a falarem o que gostaram e o que não gostaram da história e debater para uma melhor interpretação.

As histórias, tanto as contadas como as lidas podem se desenvolver por meio de recursos simples (como: narrativa, com ou sem o uso do livro, gravuras, fantoches, desenhos, slides, músicas, teatros, etc.). Entretanto, independente do modo que o docente prefira, é necessário que este entoe uma voz específica para cada personagem e a história desperte o interesse tanto do narrador quanto do ouvinte.

Dramatizar um conto de fadas, ou adaptá-lo para um teatro com fantoches, dedoches, luvas ou máscaras de personagens torna a história mais enriquecedora ainda, visto que esses recursos possibilitam o diferencial, e geralmente, consegue prender mais a atenção dos alunos, gerando maior interesse destes para com a história.

A dramatização pode ser feita tanto pelo professor, ao narrar uma história, quanto pelo aluno, após ouvir uma história. Para Coelho (2001) existem alguns enredos que são mais adequados para a dramatização realizada pelos alunos, ou seja, enredos com repetição de movimentos e fáceis de gravar. Os participantes escolhem o papel que querem representar, sem ser

necessário caracterizar o vestuário e o cenário. O professor deve deixar que os alunos ajam livremente. Para o autor, este trabalho além de ser muito vantajoso, ajuda a desinibir os tímidos.

A hora do conto também pode ser trabalhada por meio da utilização das “Caixas que contam Histórias”. Lima e Giroto (2009) defendem que essa metodologia tem a capacidade de atrair as crianças no desenvolvimento dessa atividade, buscando mobilizar algumas capacidades mentais, isto é, “a memória, a atenção e a percepção voluntárias, a imaginação, a linguagem oral, o pensamento, as emoções, a função simbólica da consciência, a vontade” (LIMA; GIROTO, 2009, p. 7). É importante ressaltar que a “Caixa que conta Histórias” é conhecida pelos seus diferentes elementos reciclados: uma caixa de sapatos encapada que conte a história de um determinado livro e materiais reciclados que ilustrem a literatura selecionada.

Através da imaginação também podem ser criados os aventais e os tapetes que “contam histórias”. Os aventais, por exemplo, são pintados como telas, neles são expostos alguns cenários da história contada. Já os tapetes, podem ser montados com retalhos de tecido. Acredita-se que esses instrumentos mágicos estimulem os alunos a descobrir as maravilhas que se pode encontrar na literatura.

O desenvolvimento de um projeto onde os pais sejam convidados para irem até a escola e contar um conto aos alunos também é uma proposta bem interessante, pois estes podem trazer alguma idéia nova e diferente, resultando em uma maior proximidade entre pais, alunos e o ambiente escolar.

O “livro de imagem”, isto é, aquele modelo de livro composto somente por ilustrações sem a escrita, é defendido por Faria (2004) como

um recurso que deveria ser mais explorado pelos professores, tendo em vista que sua linguagem é caracterizada por meio da articulação de imagens.

Ambramovich (2001) também defende a importância das histórias sem texto escrito para as crianças. Para esta autora essas histórias constroem uma narrativa completa, por meio de uma seqüência que não necessita de palavras.

Esses livros (feitos para crianças pequenas, mas que podem encantar aos de qualquer idade) são sobretudo experiências de olhar... De um olhar múltiplo, pois se vê com os olhos do autor e do olhador/leitor, ambos enxergando o mundo e as personagens de modo diferente, conforme percebem o mundo [...] (AMBRAMOVICH, 2001, p. 33).

De acordo com Ambramovich (2001), no Brasil, há algumas décadas, foram lançados livros com possibilidades gráficas, no entanto, com o decorrer do tempo, pararam, e somente nos últimos anos que começaram a surgir livros deste modelo. Os livros sem texto que podemos encontrar atualmente são fascinantes, eles encantam crianças por se utilizarem de movimentos e muita cor de forma alegre, cativante e inteligente.

Essas histórias tanto podem ser contadas apenas, como também aprofundadas na leitura da imagem e da narrativa, desenvolvendo assim, a capacidade de observação, comparação, levantamento de hipóteses, análise e raciocínio (FARIA, 2004, p. 59).

É necessário que seja proporcionado aos alunos visitas à biblioteca, pois esses momentos são essenciais para a formação de futuros leitores, tendo em vista que a biblioteca é um ambiente propício para que as crianças entrem em contato com o livro, ouvindo-o, manuseando-o e até mesmo lendo-o, de acordo com a idade e o grau de alfabetização. Ambramovich (2001) defende que o professor deve levar os alunos até a biblioteca e deixá-los manusear, buscar,

achar, repensar, rever, reescolher, e separar aquele livro que lhe desperta a curiosidade naquele momento. Todavia, para que isso ocorra é necessário que o professor esteja disposto a ler muito mais livros, porque na maioria dos casos o leque de alternativas oferecido aos alunos é pequeno.

Acredita-se que o professor deve proporcionar aos alunos uma interação maior com este ambiente, pois de acordo com Sandroni e Machado (1998) a biblioteca é um lugar onde o aluno pode ser condicionado a gostar de ler, porque ela apresenta uma variedade de opções de literatura, facilitando a livre escolha e promovendo o contato agradável com o livro.

O canto de leitura também é um espaço muito significativo, até mesmo para os alunos que não sabem ler, pois com um livro ilustrado na mão, o aluno constrói uma narrativa que possui uma série de sequências sem precisar de palavras, as crianças podem criar uma história apenas com a cena ilustrada.

A introdução do canto de leitura é essencial que a sala contenha uma diversidade de livros de boa qualidade, possibilitando às crianças a escolherem aquilo que desejam ler, estabelecendo uma aproximação com os livros. Um canto confortável atrai o indivíduo para passar momentos com seu colega, apresentando curiosidades, manuseando um livro e contando histórias. Por isto, este canto deve ser aconchegante, podendo ser no chão com um tapete e diversas almofadas ou também nas mesas (CANTOS, 2009).

De acordo com Coelho (2001, p. 59): “a história não acaba quando chega ao fim. Ela permanece na mente da criança, que incorpora como um alimento de sua imaginação criadora”. Desse modo, acredita-se que os contos de fadas têm um grande valor por si só. Sendo assim, nem todas as vezes que se lê um conto são necessárias atividades subsequentes. Nesse sentido Bettelheim (1985), defende que a magia dos contos de fadas está no ato de contar.



Busatto (2008) apresenta diferentes modos de trabalhos que podem ser realizadas por meio do conto de literatura no contexto pedagógico. Para a ela após a narração pode-se trabalhar com conteúdos de linguagem oral e escrita, possibilitando a realização de novas leituras do mesmo conto e a tradução deste por meio de diferentes linguagens, isto é, história em quadrinhos, reportagem jornalística, texto teatral, poema.

A autora destaca que os contos de fadas podem ser abordados e pesquisados em diversas áreas do conhecimento. Na área da Arte, por exemplo, pode recriá-lo por meio da linguagem corporal, visual, sonora e cênica. Ela explica detalhadamente como isso pode ser feito:

Linguagem visual (pintura, desenho, construções tridimensionais, vídeo, informática: criar uma página sobre o conto); corporal (explorar concepções coreográficas, improvisações que pesquisem a ocupação espacial, e as noções de direção, plano, dimensão, força, ritmo, qualidade do movimento; explorar a dança do povo que dá origem no conto); sonora (pesquisar as onomatopéias sugeridas por este conto, musicalizá-lo a partir de sons produzidos por nosso corpo e outras fontes sonoras; pesquisar e exercitar a música daquele povo, as canções infantis, a música regional); cênica (improvisações livres sobre temas apresentados pelo conto, construção de personagens, pesquisa de figurinos pertinentes à época retratada pelo conto, roteirizar o conto, enfim, fazer um espetáculo teatral) (BUSATTO, 2008, p. 39).

Busatto (2008) aponta as possibilidades de utilização dos contos de literatura em outras áreas também, assim como, Geografia, através da construção de mapas, observando os aspectos relevantes da região de origem; História, podendo estudar a história do conto; Ciências Naturais, permitindo ao aluno analisar o ambiente que vivem os personagens, quem são, quais são seus hábitos.

Para esta autora o professor deve trabalhar de acordo com o desenvolvimento da criança e sua série, podendo realizar projetos nos quais as diversas áreas estejam interligadas.

Para que tenhamos futuros e bons leitores, é relevante desenvolver nos alunos o compromisso com a leitura. A escola precisa se mobilizar internamente mostrando que para aprender a ler necessita-se de esforço. A partir do momento em que os alunos sentirem a leitura como algo desafiador, eles terão mais autonomia para praticá-la. Sendo assim, a escola deve sempre repensar a sua metodologia na prática da leitura.

Para muitas crianças a escola é tida como o único lugar que se tem contato/acesso ao livro, e não há como descartar a importância que este ambiente possui no sentido de priorizar a literatura desde os primeiros anos. Utilizar os livros somente no processo de ensino-aprendizagem com o intuito de estudo e pesquisa torna formal e difícil aquilo que deveria ser mais agradável. Portanto, é interessante que os professores busquem livros que ensinem a criança com ludicidade, e que isso seja trabalhado a partir da Educação Infantil, proporcionando aos alunos um contato diário com a literatura.

De acordo com Bordini e Aguiar (1988), o fracasso no ensino da literatura pode estar relacionado à dificuldade de informações que os professores encontram para mudar a sua metodologia atual ou também ao fato de muitos docentes não se permitirem uma expansão de conhecimentos.

Os adultos devem proporcionar às crianças esse contato com o livro, de modo que a leitura seja vista como algo encantador e não como uma obrigação, pois a cobrança nunca é a melhor opção para que se desenvolva a vontade.

### 3.2 Formadores de leitores

Diante da concepção de leitura em que o leitor é co-produtor do texto, tem um papel ativo ao atribuir significados e sentidos ao que lê, por meio de uma interação entre autor-texto-leitor.

Se um texto é marcado por sua incompletude e só se completa no ato de leitura; se o leitor é aquele que vai fazer “funcionar” o texto, nomeada em que o opera através da leitura, o ato de ler não pode caracterizar como uma atividade passiva. Ao contrário, para essa concepção de leitura, o leitor é um elemento ativo no processo (BRANDÃO & MICHELETTE, 1997, p. 19).

O professor deve aproximar o livro do aluno. Pivovar (2002, p. 98) expõe que na sala de aula “não há interação dos alunos com o texto, mas uma relação pedagógica apenas, marcada pelas suas especificidades”. De acordo com este autor o professor não proporciona aos alunos momentos para que eles possam se posicionar diante do texto, o que resulta uma certa insegurança por parte destes.

O professor tem um papel essencial na formação de alunos leitores, sendo assim, ele deve proporcionar aos seus alunos ocasiões para que o ato de ler seja dinâmico e prazeroso.

É importante a qualidade dos textos, o exemplo dos docentes como sujeitos leitores literários ativos e a necessidade dos professores possibilitarem e incentivarem a leitura diária.

A leitura desempenha um papel de suma importância na formação do aluno, e a literatura transmite experiência, conhecimento e cultura. Portanto, a literatura não pode ser tratada somente como uma atividade educativa, mas como algo que auxilia na construção do conhecimento. Diante disto, expõe-se a necessidade da presença de diversos textos literários no repertório de leitura

do aluno, e, para que isto ocorra é preciso que o educador abra espaço para contemplar os diferentes gêneros literários no ambiente escolar.

Os contos de fadas são instrumentos de extrema importância para a formação do aluno leitor, devido à sua estrutura, ao que é abordado no decorrer das histórias, à mensagem rica em experiência e ao conhecimento que esses contos apresentam, entre outros aspectos positivos.

[...] Carregados de representações psíquicas, encerram os dramas pertencentes aos homens e, em uma linguagem poética, transformam nossos desejos e os tornam aceitáveis à nossa consciência. Os contos de fadas simbolizam, de forma artística, as fantasias infantis universais e podem ajudar a criança a conhecer o seu mundo interno. Eles exercem uma função importante no desenvolvimento infantil e podem ser um rico instrumento auxiliar no processo de crescimento, ajudando a criança a conhecer o mundo e a se reconhecer (RABINO, 2003, p. 211).

Os contos de fadas são importantes na educação infantil e no Ensino Fundamental, porque além de todas essas características citadas, estimulam a um raciocínio crítico e intelectual, e auxiliam, inclusive, no processo de alfabetização.

Os Contos devem ser ricos em significados, fazendo com que o ato de ler e ouvir histórias tenha valor, e adicione algo de interessante na vida do indivíduo.

A idéia de que, aprendendo a ler, a pessoa, mais tarde poderá enriquecer sua vida é vivenciada como uma promessa vazia quando as histórias que a criança escuta ou está lendo no momento são ocas. A pior característica destes livros infantis é que logram a criança no que ela deveria ganhar com a experiência da literatura: acesso ao significado mais profundo e aquilo que é significativo para ela neste estágio de desenvolvimento (BETTELHEIM, 1985, p. 13).

É importante incentivar e inserir o sujeito/aluno na prática social de leitura, o que de fato é muito importante, tendo em vista que a leitura amplia a visão de mundo do indivíduo, permitindo que ele contemple o que está ao seu redor com um olho crítico.

A leitura favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidades mais justas de educação principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, e aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo (BAMBERGUER, 2000, p.11).

O trabalho com a formação de leitores deve-se dispor de atividades atraentes que estimulem e despertem o gosto eo prazer pelo ato de ler, pois em um país marcado por desigualdades sociais, como o Brasil, a leitura diária pode ser como um instrumento para a democratização do conhecimento e de extensão a bens culturais.

De acordo com os autores pesquisados, ler é a melhor forma de desenvolver o gosto pela leitura, por isto, é importante que o professor seja um leitor exemplar e ativo.

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias [...] Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...] (AMBRAMOVICH, 2001, p. 16).

Acredita-se que, desenvolver nos alunos o gosto pela leitura não é uma tarefa fácil. No entanto, quando é trabalhada de maneira prazerosa, criativa e atraente, é possível obter excelentes resultados.

Conforme revelam os diversos estudos na área, o professor precisa possibilitar aos seus alunos uma convivência diária com a leitura, tendo em vista

que, o contato com leitores e livros é um fator determinante para a formação do sujeito leitor.

Diante das possibilidades de trabalho em sala de aula com os Contos de Fadas, podemos observar que a maioria dos entrevistados ressaltam a necessidade de uma boa narração, realizada com prazer e encantamento.

É ouvindo histórias, por meio da narração, que a criança tem o primeiro contato com o texto.

O narrador deve estar consciente de que importante é a história, ele apenas conta o que aconteceu, emprestando vivacidade à narrativa, cuidando de escolher bem o texto e recriando-o na linguagem oral, sem as limitações impostas pela escrita. A história é que sugere o melhor recurso de apresentação, sugere inclusive as interferências feitas por quem conta (COELHO, 2001, p. 11).

De acordo com esta autora, a história deve ser contada com tranquilidade, para que possa instigar, informar, socializar e educar os alunos. Para Coelho (2001) é importante que o professor não tenha como objetivos ressaltar mensagens, chantagear ou transmitir conhecimentos por meio da história, pois quanto menor a apreensão por tais aspectos, melhor será a influência do narrador.

Os Contos de Fadas podem enriquecer a imaginação da criança, proporcionando pré-requisitos necessários para que a formação futuros leitores competentes. O professor tem o papel essencial nesse processo, ele deve narrar histórias de forma envolvente, explorando a fantasia infantil.

## CONCLUSÃO

Neste livro discutimos a importância do incentivo à leitura e para isso propomos o uso dos contos de fadas na educação infantil. Ressaltamos que nesta fase da formação pessoal é fundamental que o mundo do livro esteja presente e atuante de forma concreta e significativa, despertando interesse, curiosidade e despertar. Os alunos gostam de ler livros.

O objetivo principal deste livro é verificar a importância da leitura, principalmente dos contos de fadas na educação infantil para a formação de futuros leitores. Para tanto, apresentamos as visões dos teóricos da pesquisa sobre a prática da leitura e da literatura.

Pode-se verificar que a escola necessita de livros de qualidade para que seus alunos possam acessá-los; o professor deve ser um exemplo de bom leitor e bom contador de histórias; dar liberdade aos alunos, permitindo-lhes escolher os livros; trabalhar na leitura de literatura desde tenra idade; estimular o leitor a ter um papel ativo no ato de ler, estabelecendo sentido no texto; incentiva e engaja o público/alunos na prática social da leitura, considerando que é por meio da leitura que se desenvolve o interesse pela leitura. Também oferecemos algumas possibilidades de uso dos contos de fadas em sala de aula, para evidenciar possíveis maneiras pelas quais a leitura pode ser vista como algo envolvente e relevante na formação do sujeito.

Diante do exposto, é necessário praticar a leitura de forma eficaz e, por meio dessa prática, os professores podem mostrar o valor da literatura para seus alunos. No entanto, deve-se notar que as sugestões apresentadas neste trabalho não são totalmente implementadas, como receitas, porque cada camada tem um

contexto diferente, para que possam ser adaptadas e modificadas de acordo com o fato da turma.

Finalizamos este livro, com a esperança de que futuros professores, professores e pais reflitam sobre a importância do uso dos contos de fadas na educação infantil, a fim de formar leitores.

Esperamos que essas histórias sejam introduzidas à prática diária de leitura. Para que isso aconteça, pais e professores devem ser modelos para os leitores e para que ambos reflitam sobre essas histórias com mais atenção, valorizando a magia que existem nessas ferramentas.



FIM



## REFERÊNCIAS

ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍM, Mabel. **Leitura:** teoria, avaliação edesenvolvimento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

ALVES, Rubem. **Gaiolas ou asas:** a arte do voo ou a busca da alegria de aprender. Disponível em <http://pagina-de-vida.blogspot.com>. Acesso em 23/07/2022.

AMBRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil:** gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2001.

AMORIM, Galeno (Coord.). Retratos da leitura no Brasil. Disponível em <http://www.prolivro.org.br>. Acesso em 23/07/2022.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura.** 7.ed. São Paulo: Ática, 2000.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

BETTELHEIM, Bruno; ZELAN, Karen. **Psicanálise da alfabetização:** um estudo psicanalítico do ler e do aprender. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura:** a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BORGES, Silvia Bortolin; BORTILIN, Sueli. **A hora da história:** toda criança merece. Disponível em <http://mundoquele.ofaj.com.br>. Acesso em 23/07/2022.

BRANDÃO, Helena H. N.; MICHELETTI, Guaraciaba. Teoria e prática da leitura. In: BRANDÃO, Helena; MICHELETTI, Guaraciaba (Org.). **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos.** São Paulo: Cortez, 1997. p. 17-30. (Coleção Aprender e ensinar com textos, 2).

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa: 1º e 2º ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

**CANTOS de atividades diversificadas**. Projeto IBM – Kidsmart Brasil. Disponível em <http://www.formare Rede.org.br>. Acesso em 23/07/2022.

CECILIANO, Neuza. A leitura literária. **Máthesis**: Revista de Educação, Jandaia do Sul, v. 8, n. 1, p. 9-32. jan./jun 2007.

COELHO, Betty. **Contar histórias**: uma arte sem idade. 10. ed. São Paulo: Ática, 2001.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 39. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GAGLIARDI, Eliana; AMARAL, Heloisa. **Trabalhando com os gêneros do discurso**: narrar: conto de fadas. São Paulo: FTD, 2001.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 51-62.

LIMA, Elieuzza Aparecida; GIROTTO, Cyntia G. Simões. **Leitura e leituras na educação infantil**: reflexões sobre as caixas que contam histórias. Disponível em <http://www.alb.com.br>. Acesso em 23/07/2022.

MARCHI, Diana Maria. A literatura e o leitor. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt, et al. (Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1997. v. 1, p. 157-163.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: brasiliense, 1990.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares de língua portuguesa/literatura**. Curitiba: SEED, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares de língua portuguesa/literatura**. Curitiba: SEED, 2009.

PIVOVAR, Altair. O parlamento das gralhas. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 20, p.87-105, 2002.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO. **O Brasileiro lê em média** menos de cinco livros por ano. Disponível em <http://www.cnte.org.br>. Acesso em 23/07/2022.

RADINO, Glória. **Contos de fadas e a realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SANDRONI, Laura C.; MACHADO, Luiz Raul. **A criança e o livro**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1998.

SANDRONI, Laura. O incentivo a leitura na família. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2005, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Moderna, 2005. Disponível em <http://www.congressomoderna.com.br>. Acesso em 23/07/2022.

SCLIAR, Moacir. Para dar asas à imaginação. **Mente & Cérebro**, São Paulo, n. especial, p. 52-55, [2000?].

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e a realidade brasileira**. Porto Alegre:Mercado Aberto, 1986.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas:Papirus, 1986.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte:Autêntica, 1998.

VASCONCELOS, Laércia Abreu. **Brincando com histórias infantis**. 2. ed. Santo André: ESETec, 2008.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola**. 6. ed. São Paulo: Global, 1987.